

“A presença do índio no Paraná”: Considerações sobre representações acerca dos indígenas no Paraná.

Raiane Clair Ramirez dos Santos¹

O objetivo desta comunicação é apresentar uma breve análise do capítulo *Presença do Índio no Paraná*, presente no volume III da coletânea *História do Paraná*. Trata-se de uma obra dividida em quatro volumes, publicada pela editora Grafipar no ano de 1969. A partir desta análise, pretendemos realizar uma breve reflexão sobre as abordagens de História do Paraná e sobre as representações da figura indígena.

Esta coletânea tem a pretensão de abordar de forma totalizante a história da formação do território paranaense em vários aspectos, tais como: constituição de sua zoologia, relevo, vegetação, políticas de povoamento e imigração, formação étnica, folclore, dentre outros. Trata-se de uma obra variada e extensa que reúne textos de vários intelectuais da época como Ruy Christovam Wachowicz, Faris Antônio S. Michaelle, Rosely Vellozo Roderjan, entre outros.

O terceiro volume divide-se da seguinte forma: *Presença do índio no Paraná*, *Formação étnica do Paraná*, *Folclore no Paraná*, *Aspectos da Música no Paraná*, *Breves Notas sobre a Imprensa do Paraná*, *Universidade Federal do Paraná e Perfis de personalidades Paranaenses*.

Como afirmamos anteriormente, nosso foco para este trabalho é o capítulo *Presença do índio no Paraná*, escrito por Faris A. Michaelle. Este fragmento está dividido em dezenove pequenos subcapítulos. Primeiramente, é apresentada uma introdução que trata sobre a chegada dos povos indígenas na América e sobre sua presença no Brasil. Em seguida o texto se organiza nos seguintes tópicos: *Quais as tribos que habitavam o Paraná?*; *Classificação das tribos paranaense*; *A cultura dos Tupis-Guaranis*; *Cultura Material*; *Cultura espiritual*; *Conhecimentos astronômicos dos tupis guaranis*; *Conhecimentos anatômicos, zoológicos e botânicos*; *Conhecimentos que os tupis guaranis tinham do poder curativo das plantas*; *Língua e Literatura*; *Literatura Tupi-Guarani*; *O índio brasileiro como trovador*; *Provérbios indígenas*; *O direito entre os Tupis-Guaranis*; *Elementos religiosos dos nossos índios*; *Costumes indígenas Tupis-Guaranis*; *A Herança Caingangue e não-tupi em geral*; *A Lenda do Fogo*.

¹ Aluna do Programa de Pós Graduação em História da Unioeste. Bolsista vinculada CAPES. Orientador: Prof. Dr. Marcos Nestor Stein.

Com base em relatos de viajantes como Cabeza de Vaca, Pero Lopez de Sousa, Ultico Schmidt, entre outros, Michaele afirma que houve no Paraná uma população indígena pré-cabralina relativamente grande. Consta que o “Elemento Ameríndio” participou da constituição da população brasileira, dessa forma, preocupa-se com sua “origem, identidade, traços culturais e até influências dos grupos nativos²”.

De maneira geral, trata-se de uma narrativa em que os indígenas são representados a partir do uso de clichês que cristalizam uma figura folclorizada dos grupos que ocupavam o território paranaense. Para pensar tais representações da figura do indígena partiremos das reflexões do historiador Roger Chartier, para quem as representações refletem posicionamentos políticos e sociais:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.³

Trata-se, portanto, de representações sobre os indígenas que são fruto de um contexto e de certas visões de mundo permeadas por relações de poder. Dessa forma, faz-se necessária uma breve apresentação de Faris A. Michaele, autor do capítulo em questão.

Michaele nasceu no interior do estado de São Paulo e viveu maior parte de sua vida em na cidade de Ponta Grossa, no Paraná. Apesar de sua formação em Direito, dedicou grande parte da sua vida à área da educação. Ministrou aulas no ensino básico e superior⁴. Ao longo de sua carreira foi ligado a instituições nacionais e internacionais vinculadas ao tema Folclore, das quais o doutor em Educação Névio de Campos, juntamente, com a pedagoga Elise Marchese destacam:

Michaele também teve seu nome ligado a entidades e associações nacionais e estrangeiras. Ditzel (1998) elenca as 60 principais, dentre as quais destacamos as seguintes: Academia Universal de Humanidades, de Buenos Aires; Instituto Argentino de Críticos Literários; Instituto de Cultura Americana de La Plata; Asociación de Escritores de la Provincia de Buenos Aires; Instituto de Etnología, Historia y Folklore de Tucumán; Academia de Cultura de Asunción,

² CARDOSO, R.S.; FILHOM, L.F.; MICHAELE, F.A.S.; RODERJAN, R.V.; WACHOWICZ, R.C. *História do Paraná*. Vol. 3. Curitiba: Grafipar, 1969. p.13.

³ CHARTIER, R. *A história cultural: Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1990, p. 17.

⁴ CAMPOS, N. ; MARCHESE, E. Faris Michaele: trajetória de um intelectual moderno. *Olhar de professor*. UEPG, Ponta Grossa, 2010. p. 185-199.

Asociación Internacional de la Prensa de Montevideo; Asociación de Escritores y Artistas Americanos, de La Habana; American International Academy, de Nova York; Confraternité Balzacienne de Paris; Académie Ansaldi de Paris; Accademia Letteraria Araldica Scientifica, de Treviso, Itália; Accademia Letteraria Scientifi Ca Internazionale, de Nápoles; Internatinal Council of Musems, de Londres. Para Osvaldo Pilotto (1968, p. 7), “isto é fruto de uma atividade intelectual intensiva”⁵.

Trata-se de um intelectual ligado a elite ponta-grossense que recebeu, portanto, uma formação, teve vida acadêmica ativa e acesso a informações sobre as produções desenvolvidas no exterior. Ao longo dos textos escritos por Faris Michaele, podemos perceber um forte ideal relacionado a um projeto de modernidade do século XX, que visa progresso rumo à civilização. Tal ideal tem como modelo a organização social da Europa e dos Estados Unidos, como podemos notar no seguinte trecho:

É estudando a vida dos povos mais evoluídos (como os Estados Unidos e outros) que compenetramos do quanto perdemos, em matéria de cultura, vantagens materiais e política de aproximação entre povos⁶.

Este ideal de moderinade pode ser notado no decorrer da narrativa produzida por Michaele sobre a *Presença indígena no Paraná*. Antes de iniciar a análise do referido capítulo, é necessário indicar a concepção de *Identidade* da qual partimos para realizá-la. De acordo com Antropólogo e Sociólogo Denys Cuche:

Se a identidade é uma construção social e não um dado, se ela é do âmbito da representação, isto não significa que ela seja uma ilusão que dependeria da subjetividade dos agentes sociais. A construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas. Além disso, a construção da identidade não é uma ilusão, pois é dotada de eficácia social, produzindo efeitos sociais reais.

A identidade é uma construção que se elabora em uma relação que opõe um grupo aos outros grupos com os quais está em contato⁷.

Ao longo de sua narrativa Faris Michaele constrói representações que fixam a identidade dos grupos indígenas. Isto pode ser percebido no seguinte trecho, referente ao item *cultura material*:

⁵ Idem, p. 192.

⁶ CARDOSO, R.S.; FILHOM, L.F.; MICHAELE, F.A.S.; RODERJAN, R.V.; WACHOWICZ, R.C. op. Cit. p. 108.

⁷ CUCHE, D. *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*. Bauru: EDUSC, 1999. p. 182.

O processo de assar carne, que denominamos *churrasco* é também de origem indígena, mas comum em toda a América. É o *barbacoa* ou *barbecoa* (*barbecue* em inglês) dos países hispânicos, desta parte do mundo.

A cozinha paranaense apresenta muitos pratos ecléticos de procedência nativa, como dissemos. É o caso da *mixira* (*mixyra*), do *tacacá*, do *tucupi* do *asaí* (bebida), etc.

Não devemos esquecer que a erva mate e o guaraná são também de origem indígena. O mate é guarani e seu verdadeiro nome é KAÁ ou erva, chamando-se igualmente KONGÕI, donde CONGONHA em avañêê (*avanheen*) ou guarani⁸.

Neste trecho são descritos pratos culinários e bebidas como “contribuições indígenas” para a cozinha paranaense. Esta noção de “contribuição” cristaliza a identidade indígena, tornando-a fixa. Esta cristalização ocorre também com o termo *cultura*, tomado como natural. Isto pode ser notado nos próprios subtítulos como, por exemplo, *A cultura dos Tupis-Guaranis; Cultura Material; Cultura espiritual; Costumes indígenas Tupis-Guaranis*.

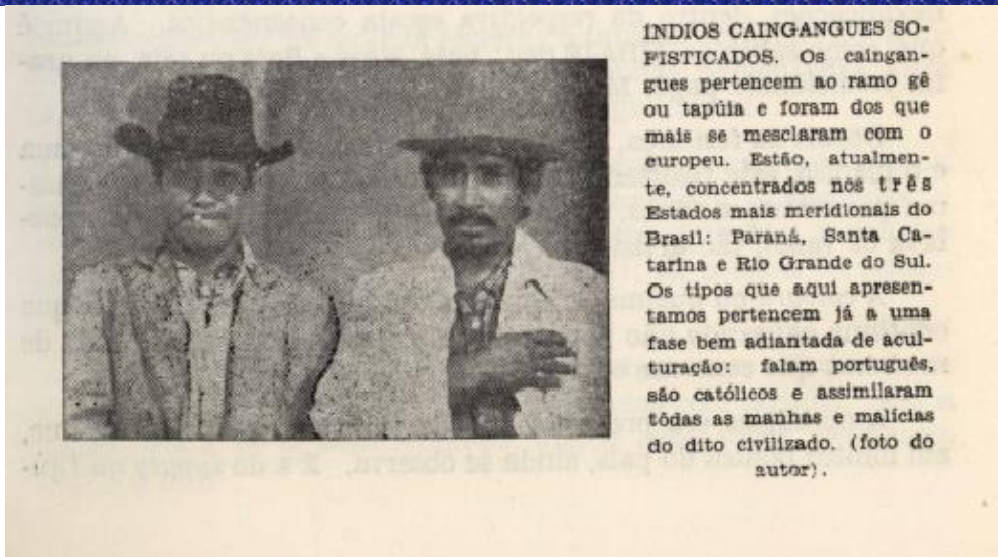
No seguinte trecho, referente ao subcapítulo *Cultura Material*, Michaele constrói uma narrativa carregada de estereótipos sobre as populações indígenas.

De um modo geral, então, pode-se dizer que, como o próprio Gilberto Freyre o reconhece, os antepassados indígenas, em parte, transmitiram aos brasileiros o hábito generalizado do banho, como também o gosto pelas pomadas, perfumes e pentes, vindos da mãe tupi-guarani, a bondosa e operosa *cunhã*, na verdade, o lado positivo da cultura, entre a gente das selvas⁹.

Em geral, ao longo do texto, Michaele toma cuidado para apresentar os hábitos indígenas de uma forma que não os inferiorize. No entanto, no trecho acima ao utilizar a frase “o lado bom da cultura, entre a gente das selvas”, o autor coloca-se em uma posição de superioridade em relação a estes povos. O mesmo acontece na legenda da imagem abaixo:

⁸ CARDOSO, R.S.; FILHOM, L.F.; MICHAELE, F.A.S.; RODERJAN, R.V.; WACHOWICZ, R.C. op. Cit. p. 36.

⁹ Idem. P.31.



Fonte: CARDOSO, R.S.; FILHOM, L.F.; MICHAELE, F.A.S.; RODERJAN, R.V.; WACHOWICZ, R.C. *História do Paraná*. Vol. 3. Curitiba: Grafipar, 1969.

A legenda traz a seguinte frase:

INDIOS CAINGANGUES SOFISTICADOS. Os caingangues pertencem ao ramo Gê ou tapuia e foram dos que mais se mesclaram com o europeu. Estão atualmente concentrados nos três estados mais meridionais do Brasil: Paraná, Santa Catarina e Rio grande do Sul. Os tipos que aqui apresentamos pertencem já a uma fase bem adiantada de aculturação: Falam portugues, são católicos e assimilaram todas as manhas e malícias do dito civilizado¹⁰.

A “assimilação” dos Caingangue aos costumes do “dito civilizado” é tratada de forma positiva, e o próprio termo “civilizado” é usado para indicar que não se tratam mais de “selvagens”.

Neste sentido, são construídas fronteiras discursivas que estabelecem uma identidade para o indígena, marcada pela diferença. Sobre a constituição de fronteiras étnicas e/ou culturais Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart, com base nos estudos de Frederick Barth, afirmam que:

Há de convir, com Barth, que a etnicidade é uma forma de organização social, baseada na atribuição categorial que classifica as pessoas em função de sua origem suposta, que se acha validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciadores¹¹.

¹⁰ Ibidem. p. 33.

¹¹ POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade: Seguindo de grupos étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: Fundação editora da UNESP, 1998.p.140.

Assim, podemos afirmar que, apesar dos cuidados do autor, alguns elementos textuais, como o mencionado acima, utilizados no capítulo *Presença do índio no Paraná* contribuem para a construção estereotipada da figura do indígena.

Ao escrever este texto, Michaele tem a intenção de “preservar” a memória dos povos que participaram da formação do estado do Paraná. Tomado por este impulso, o autor apresenta a diversidade cultural como algo dado, fato “natural”, que deve ser respeitado, tolerado e preservado. Isto fica explicitado no seguinte fragmento, “Coisas da civilização, dessa brilhante civilização da máquina e de egoísmo, que irá pelo jeito, auto-destruir-se, se os homens se não compenetrarem da necessidade de preservação dos valores espirituais em geral...¹²”.

Dessa forma, procura-se escrever uma história que harmonize a coexistência dos diferentes grupos no mesmo território, silenciando os conflitos nele ocorridos. Em nenhum momento, por exemplo, é tratado sobre os conflitos e a luta da população indígena pela terra, ocorridos no estado.

O livro *História o Paraná* em conjunto com outras obras como *Um Brasil diferente* (ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná), do sociólogo Wilson Martins, ou como *História do Paraná*, do historiador Ruy Wachowicz, dentre outras, foram referências importantes para o estudo da história deste estado. Em geral, nestas obras a figura do imigrante é ressaltada como “herói”, “trabalhador” que trouxe progresso para o estado. Já os indígenas são apresentados a partir de representações tratadas como curiosidade, como figuras exóticas, isto, quando são mencionados.

Devido a produções como estas, durante muito tempo o saber histórico sobre história do Paraná, tanto no âmbito das produções acadêmicas, quanto em livros e textos didáticos, partiu de uma abordagem positivista, cronológica, linear e quantitativa. Discursos como os apresentados nas obras citadas acima, foram e ainda são usados como base para legitimar uma “memória coletiva” principalmente, por meio de discursos “comemoradores”. Segundo o filósofo Todorov o discurso “comemorador” é conhecido na esfera pública e tem como foco construir uma memória coletiva, sem compromisso com a “verdade” nem com os métodos¹³. Assim, acabasse naturalizando e celebrando as diferenças, em lugar de problematizá-las.

¹² CARDOSO, R.S.; FILHOM, L.F.; MICHAELE, F.A.S.; RODERJAN, R.V.; WACHOWICZ, R.C. op.cit. p.67.

¹³ TODOROV, T. Memória do mal tentação do bem. SP:ARX, 2002.



Com frequência, as representações mencionadas acima, são levadas para sala de aula, sem qualquer problematização, apenas como mera transmissão de informações. O dia do índio, celebrado todos os anos no dia dezanove de abril nas escolas de todo o país, é um claro exemplo de celebração da diferença e da cristalização de uma imagem folclorizada do indígena. A partir das reflexões do Tomaz Tadeu da Silva entendemos que:

O problema central aqui é que esta abordagem simplesmente deixa de questionar as relações de poder e os processos de diferenciação que, antes que tudo, produzem a identidade e a diferença. Em geral, o resultado é a produção de novas dicotomias, como a do dominante tolerante e do dominado tolerado ou da identidade hegemônica mas benevolente e da identidade subalterna mas “respeitada”¹⁴.

Assim, o estudo sobre a História do Paraná e sobre a presença indígena neste estado deve ir para além da conscientização e da “tolerância”. Como nos sugere Tomaz Tadeu da Silva, deve colocar em foco a “discussão da identidade e da diferença como produção”. Ou seja, deve-se questionar e problematizar os processos e relações de poder que fixam identidades e marcam diferenças.

Portanto, há uma necessidade de se lançar novos olhares para as produções clássicas relacionadas à historiografia da História do Paraná, bem como, sobre a aplicação de determinados clichês sobre as populações indígenas presentes na “memória coletiva oficializada”.

¹⁴ SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 7 -72.

FONTE:

CARDOSO, R.S; FILHOM, L.F.; MICHAELE, F.A.S.; RODERJAN, R.V.; WACHOWICZ,R.C. *História do Paraná*. Vol. 3. Curitiba: Grafipar, 1969.

REFERÊNCIAS:

CAMPOS, N. ; MARCHESE, E. Faris Michael: trajetória de um intelectual moderno. *Olhar de professor*. UEPG, Ponta Grossa, 2010. p. 185-199.

CARDOSO, R.S; FILHOM, L.F.; MICHAELE, F.A.S.; RODERJAN, R.V.; WACHOWICZ,R.C. *História do Paraná*. Vol. 3. Curitiba: Grafipar, 1969.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1990.

HALL, S. Quem precisa da identidade?. In: *Identidade de Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.p.109.

MARTINS, R. *História do Paraná*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995. p.350.

MARTINS, W. *Um Brasil Diferente*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1989.

POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART,J. *Teorias da Etnicidade*. Seguindo de grupos étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 7 -72.

CUCHE, D. *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*. Bauru: EDUSC, 1999.p. 182.



XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

LUGARES DOS HISTORIADORES: VELHOS E NOVOS DESAFIOS

27 A 31 DE JULHO DE 2015

FLORIANÓPOLIS - SC